

## A FLORESTA SAGRADA DOS MACACOS

Maria pegou no fruto estranho que tinha acabado de encontrar no chão e ergueu-se para o mostrar aos outros.

- Onde se enfiou toda a gente? - perguntou a si própria, em voz baixa.

Olhou à sua volta, à procura dos amigos, enquanto colocava os óculos escuros no topo da cabeça. Subitamente, voltou a ouvir a música que não lhe saía da cabeça desde a chegada à ilha. Ouvia-a tão alto que parecia vinda do exterior, embora, como sempre, proviesse apenas do seu cérebro. Era misteriosa, de certa forma até angustiante, como as melodias que se ouvem em filmes de suspense mesmo antes de uma cena crucial. Tentou pensar noutra, mas não conseguiu. Era preponderante, quase invasiva, e o mais estranho era que não se recordava de a ter ouvido em lado nenhum.

Foi então que viu o animal a fitá-la a poucos metros de distância. Assustou-se. De repente, via-se sozinha naquele troço do caminho, depois de ter parado para observar uma jaca, o maior fruto de árvore do planeta. Maria tinha-as visto pela primeira

vez em Londres, na bancada de um supermercado chinês, mas agora reconhecia o fruto gigante no seu *habitat* natural e este tinha quase o tamanho de uma bola de *rugby*. Tinha parado para o observar, atraída pelas saliências verdes e hexagonais da casca dura, que faziam lembrar a pele de um réptil, e agora via o animal a observá-la a ela. Perto demais para se sentir tranquila.

Kadek, o guia que os acompanhava, tinha-lhes recomendado que não levassem comida para a floresta, mas nem ele nem os avisos à entrada – que, tinha de admitir, lera apenas de fuga – se tinham referido aos frutos caídos das árvores. Que mal poderia haver em observá-los de perto, mesmo que tivesse de abandonar o caminho por alguns momentos? Estava mesmo ali ao lado...

O macaco largou um guincho agudo e Maria sobressaltou-se. Com o susto, deixou cair a jaca, que rebolou pelo chão, e mordeu o lábio inferior com tanta força que um sabor metálico de súbito lhe invadiu a boca.

Os outros tinham seguido em frente, deixando-a ficar para trás. Aliás, já nem os via. Era provável que também eles caminhassem distraídos, a falar uns com os outros ou pasmados a contemplar as gigantescas raízes aéreas das árvores, as flores, as aves exóticas e as esculturas que se viam ao longo do percurso. Kadek dissera-lhes que estas últimas serviam para dar energia aos poderes dos templos hindus no interior da floresta sagrada. Mas algumas tinham rostos humanos que a Maria pareciam verdadeiramente assombrosos, com olhos muito salientes, ou lábios, orelhas e narizes exagerados, muitas vezes em corpos de animais, ou vice-versa.

A ideia de visitarem a floresta não fora sua, claro. Como poderia ter sido? Quando Kadek lhes dissera que havia ali mais

de mil e duzentos macacos e lhes referira a possibilidade... *Possibilidade* ou *perigo*? Agora que pensava nisso, e olhando para o animal, tinha a certeza de que ele dissera *perigo*... Fosse como fosse, ao que constava, as criaturas tinham o terrível vício de saltar para cima dos visitantes para lhes roubarem os pertences ou de guinchar quando se sentiam ameaçadas. Aquela informação dava um terrível panfleto turístico e convencera-a a não incluir a Floresta Sagrada dos Macacos na sua lista de lugares a visitar. Mas ela já tinha tido oportunidade de fazer a sua escolha, dias antes, e o resultado fora tão desastroso que até preferia não se lembrar do assunto, por isso agora tinha de aceitar a escolha dos outros sem se queixar. Acordos eram acordos.

Maria tinha deixado a mochila com Kadek, no carro, por isso não havia nada que o macaco lhe pudesse querer roubar. Olhou de novo à sua volta. Estavam ambos sozinhos e não lhe parecia que houvesse por ali algo que ameaçasse a existência do animal. Como não estava interessada em que este lhe saltasse para cima, decidiu observá-lo melhor. Talvez compreendesse o que ele queria.

Embora não fosse muito grande, pareceu-lhe um indivíduo adulto. Tinha uma cauda longa, maior do que o resto do corpo, um rosto ligeiramente achatado, sobrancelhas compridas e farfalhudas, de cor esbranquiçada, e uma barba e bigodes que Maria supôs serem típicos de um macho.

O primata fitava-a intensamente. Com tanto pelo à volta dos olhos e da boca, era difícil ter a certeza, mas a sua expressão parecia-lhe pouco amistosa. Até que a jovem encrespou a testa, sem dar por isso, e o macaco não gostou e reagiu, mostrando uma agressividade no rosto que não deixava margem para dúvidas.

Ao ver-lhe os olhos muito arregalados e a boca escancarada, de caninos afiados, Maria encolheu-se, aflita. Pensou em telefonar aos outros, mas ao colocar a mão no bolso dos calções, lembrou-se de que não tinha o telemóvel consigo. «Bolas! Agora dava mesmo jeito...»

- Vai-te embora! - disse-lhe, baixinho e a medo, esbracejando sem muita convicção. - Não tenho aqui nada para te dar.

O macaco seguiu o movimento do braço dela, como fazem os cães à espera que lhes atirem um pau ou uma bola. Depois aproximou-se com passos demorados e voltou a fitá-la.

Maria reteve a respiração e fixou o olhar na jaca, que jazia no chão à sua frente. Se o macaco estava interessado nela, que a levasse consigo! Depois lembrou-se de algo. Talvez o fruto não estivesse exatamente no sítio onde o encontrara.

- É isto que queres? - perguntou, tocando na jaca com o pé.

O macaco olhou primeiro para a jaca e depois para ela.

Timidamente, e sem desviar os olhos dele, Maria fez rebolear o enorme fruto na direção do animal.

O macaco, contudo, não parecia interessado. Encontravam-se a menos de dois metros um do outro. Aquela proximidade e o olhar intenso do bicho estavam a testar a coragem da rapariga. Maria não apreciava encontros tão imediatos com animais selvagens. Sobretudo quando estava sozinha.

Fechou os olhos e a imagem mental de um esquilo sobresaltou-a. A cena vivida recentemente passou-lhe pela mente como um clarão breve e intenso.

Viu-se à porta da loja de roupa, no centro da vila, à espera que os rapazes se decidissem entre as *t-shirts* de surfistas e as que continham piadas e frases disparatadas sobre férias. Ela própria já tinha comprado um sarongue azul, com estampas de batik<sup>1</sup> muito bonitas, que conseguira arrebatá-lo depois de Monique o largar para examinar um outro. O ar estupefacto da australiana, ao vê-la pegar no sarongue, confirmou a sua escolha.

Mas o ar condicionado da loja tinha-se avariado e o espaço estava demasiado abafado, por isso decidiu esperar lá fora, à sombra de uma frangipana, enquanto decidia se as suas pulseiras iriam ficar bem com o lenço típico que acabara de comprar.

Foi então que sentiu algo a cair-lhe no ombro. Receando que se tratasse de alguma aranha, encolheu-se por reflexo e sacudiu os cabelos, os braços e o top de alcinhas que trazia vestido. Felizmente era apenas uma flor caída da árvore. Apanhou-a do chão e sentiu o magnífico perfume, encantada. Mas depois sentiu outra flor a cair-lhe nos cabelos e logo outra e mais outra. Estranhando a coincidência, ergueu o queixo e observou a frangipana que a resguardava do sol. Num ramo um pouco mais acima, viu um esquilo cinzento apoiado nas patas traseiras, enquanto usava as dianteiras para apanhar as flores que depois lhe atirava.

«Oh, tão querido!», pensou, na altura. Lembrou-se até de o filmar, para depois o mostrar aos outros, mas logo se

<sup>1</sup> O batik (ou *batik*) é um método artesanal de estampar tecidos, muito antigo e original da ilha de Java, na Indonésia. Consiste em desenhar padrões ou elementos decorativos usando cera quente aplicada com um pincel próprio, o *tjanting*, e em seguida tingir os tecidos. A cera é depois retirada, fervendo o tecido, e o processo é repetido para cada cor diferente que se deseje aplicar. (N. da A.)

recordou que não tinha o telemóvel consigo e quase se arrependeu de ter aceitado o pacto do grupo. O animalzinho continuou a repetir o gesto durante alguns minutos. A princípio, Maria recolheu do chão todos os pequenos presentes, mas eram tantos que depressa desistiu.

Quando os outros saíram da loja, apontou, sorridente, para a árvore. Contudo, para sua surpresa, o esquilo tinha desaparecido. Contou-lhes o que se passara, usando a habitual carga de pormenores que todas as suas narrativas continham, mas ficou com a impressão de que nenhum deles a levava muito a sério. Maldisse a pouca sorte de não ter podido filmar a cena e, embora a descrença dos outros não a tivesse deixado muito satisfeita, acabou por esquecer o assunto.

Caminhando pelo percurso arborizado ao longo da costa, os jovens tinham-se dirigido para o hotel. O plano era deixarem ali os sacos das compras antes de irem dar um mergulho à praia, mesmo à frente da estância turística, e observarem os residentes locais a fazerem competições de papagaios.

Maria seguia distraída atrás dos outros, quando, de repente, viu o que lhe pareceu ser uma grande semente cair a seus pés. Olhou de súbito para os ramos da árvore por cima de si e lá estava de novo o esquilo. Chamou os outros, para lhes provar que não tinha inventado a história, mas quando eles se juntaram à sua volta, o animal tinha novamente desaparecido.

A cena repetiu-se outras duas vezes. Maria seguia o esquilo, via-o saltar de um ramo para o outro e usar os fios de telefone e de eletricidade ao longo do caminho quando as árvores escasseavam, mas assim que a jovem advertia os outros, o animal desaparecia. Se a princípio atribuiu o caso a coincidência,

depressa se convenceu de que o esquilo estava a fazer de propósito, porquanto a ideia pudesse parecer-lhe ridícula. O mais curioso era que episódios bizarros como aquele ocorriam com uma estranha frequência desde a chegada à ilha. E aconteciam em qualquer lado, não apenas ali, em Sanur, a localidade à beira-mar onde se encontravam. Este era mais um.

Quando regressaram ao hotel, os jovens separaram-se, dirigindo-se ao edifício principal ou aos vários apartamentos dispersos pelo *resort*, e combinaram encontrar-se na praia, quinze minutos mais tarde. Maria decidiu estrear o sarongue azul acabado de comprar, atando-o por cima do biquíni, mas levou mais tempo a arranjar-se do que esperava e a irmã e o primo saíram antes dela.

Quando finalmente abriu a porta, ouviu um *toc-toc* vindo da árvore mais próxima. Não podia acreditar nos seus olhos ao reconhecer o esquilo que a fitava como se estivesse à sua espera. Divertida com a dedicação do bicho, voltou a entrar, disposta a premiá-lo com umas nozes que tinha na mesa de cabeceira. Quando saiu, sentiu algo a atingi-la nas pernas. A seus pés jazia um pequeno fruto negro e brilhante, de forma arredondada e que ela desconhecia. Ao pegar nele, notou que o brilho provinha de uma substância líquida, negra e extremamente pegajosa. Parecia resina.

A sua primeira reação foi examinar o sarongue. Não havia qualquer dúvida. As manchas eram evidentes e brilhavam à luz do Sol. Compreendeu de imediato que não havia nada a fazer. A sua mais recente compra estava irremediavelmente estragada... e do esquilo nem valia a pena falar.

Recordar a cena do esquilo fê-la sentir-se mais alerta. Desta vez não fazia tenção de se deixar iludir. Se o macaco tinha fome, que pegasse na jaca ou fosse à procura da sua própria comida. Ela não tinha nada para lhe dar.

Eram quase seis horas da tarde, o Sol começava a esconder-se e os mosquitos já se faziam sentir. Maria enxotou um deles, que lhe zumbia teimosamente ao ouvido, mas o macaco enervou-se com o movimento brusco e abriu a boca para a ameaçar com um silvo prolongado.

Foi então que, pelo canto do olho, a rapariga viu o primo André regressar ao longe, a correr, enquanto lhe fazia gestos incompreensíveis com os braços. Ana, Francisco, Arlo, Monique, Patricia e Jose vinham logo atrás dele, caminhando a passos largos. Pareciam alarmados, embora ela não tivesse bem a certeza, obrigada a dividir a atenção entre eles e o bicho mal-encarado.

«Não percebo o que ele diz...», queixou-se, estremecendo ao ver o macaco virar-se subitamente na direção oposta, alertado pelo aproximar do rapaz. O animal mostrava-se cada vez mais irritado.

– Não olhes para ele nos olhos! – exclamou o primo, detendo-se no caminho a dois metros dela. – Senão ele vai pensar que o estás a ameaçar e pode atacar-te! Desvia o olhar!

Maria obedeceu imediatamente, voltando-se para a esquerda, de forma a ficar de lado para o macaco e de frente para o primo. Por via das dúvidas, cobriu o olho direito com a mão.

O que aconteceu em seguida passou-se tão rápido que André nem teve tempo de reagir. Não apreciando a agitação



repentina nem a chegada de reforços humanos, o animal soltou três guinchos estridentes, um a seguir ao outro, enquanto saltava e esbracejava.

Maria encolheu-se, por instinto, tapando os ouvidos e cerrando momentaneamente os olhos. Nesse instante, apanhando-a desprevenida, o macaco saltou-lhe para os ombros. Aterrorizada, a jovem largou um grito e tentou enxotá-lo.

Com um forte puxão de cabelos, o primata acabou por largá-la, saltando para o chão, mas não se afastou dali. Em vez disso, voltou-se de frente para ela e alargou os lábios como se estivesse a sorrir.

- Oh, não! Os meus óculos de sol!

Sem pensar, Maria cedeu aos seus instintos e avançou na direção dele, tentando deitar a mão aos óculos que este empunhava com satisfação. A ideia, porém, não se revelou das melhores. Mais uma vez, o macaco não apreciou o impulso da rapariga. Para lhe mostrar a sua irritação, abriu muito a boca e apresentou-lhe a dentição completa.

Maria recuou, receando os caninos aguçados e o sibilo ameaçador que lhe saía da garganta.

- Esquece os óculos! - exclamou o primo, receando o pior.

- Está bem, está bem!

- Afasta-te dele devagar - sugeriu ele, num tom calmo.

Maria acenou com a cabeça e recuou mais um passo, mas o animal desatou de novo a guinchar, como se os pés dela tivessem feito disparar um alarme que só ele conseguira ouvir.

Em poucos segundos, apareceram mais cinco macacos, alertados pelo alvoroço. Dois tinham descido da árvore mais próxima, os outros três tinham vindo a correr das redondezas.



Inicialmente, pareciam apenas curiosos, inspecionando os óculos que o primeiro exibia na mão como um troféu. Depois, porém, começaram a mostrar impaciência, caminhando de trás para a frente, a pouca distância, fitando-a a ela, a André e ao resto dos amigos que se encontravam um pouco mais afastados.

Os dois maiores exemplares colocaram-se em pé, nas patas traseiras, de boca muito aberta, enquanto os restantes saltavam sem sair do lugar.

Os mosquitos eram agora insuportáveis. Apesar do repelente aplicado de manhã, Maria sentia-os a morderem-lhe as pernas e os braços, provocando-lhe uma comichão imediata. Queria esbracejar para os sacudir, devido ao desconforto e por recear que lhe transmitissem alguma doença perigosa, mas limitou-se a passar lentamente as mãos pelos membros. Não queria exaltar ainda mais os macacos.

Desejando estar longe dali, respirou fundo e, devagar e de olhos baixos, tentou recuar de novo, mas o gesto submisso não serviu para tranquilizar os animais.

Francisco cansou-se de esperar que a situação se resolvesse e decidiu defendê-la. Avançou, determinado a colocar-se entre ela e os bichos, mas André agarrou-o antes que ele se aproximasse mais.

- Para! - advertiu-o, entre dentes.

- Deixa-me ir! - debateu-se o rapaz, dando-lhe um esticão no braço.

- Se reagirmos ainda vai ser pior! - ripostou André.

- Ele tem razão... - interveio Ana. - O melhor é chamarmos um auxiliar.

- Eu vou à procura de alguém! - ofereceu-se Arlo.

Sem esperar pela resposta dos outros, o australiano recuou, pé ante pé, até regressar ao caminho por onde tinham vindo. Assim que se viu a uma distância de segurança, começou a correr sem olhar para trás.

A irmã, Monique, uma rapariga de nariz pequenino, olhos pretos, cabelo curto pintado de violeta e com uma grande franja que lhe caía sobre o olho esquerdo, aproveitou para oferecer ao grupo mais uma das suas pérolas de sabedoria. Falando algures por trás dos outros, avisou:

- Tem cuidado, Maria! Se os macacos te morderem vais ter de levar injeções contra a raiva! E muitas!

Os outros voltaram-se para ela, boquiabertos e todos ao mesmo tempo.

Monique sentiu a repreensão nos olhos deles e, como já era habitual, decidiu justificar-se:

- É verdade! Não estou a inventar! Um amigo meu...

- OK, Monique! - interrompeu André, crítico. - Para com isso!

- O que foi? - perguntou ela, tentando esboçar um ar inocente.

- Informação a mais! - ripostou ele, furioso.

Maria empalideceu. Que história era aquela, das injeções? Fitou Francisco, a medo. Esperava que ele franzisse o sobrolho e abanasse a cabeça, para lhe dizer «não liguês, ela é doida!», como já fizera noutros momentos, referindo-se à australiana. Em vez disso, viu-o morder os lábios e fixar os pés, evitando o seu olhar. O primo e a irmã fizeram o mesmo.

As coisas não estavam a correr nada bem. Os mosquitos não a deixavam em paz e dir-se-ia que os macacos tinham duplicado, vindos de todas as direções, guinchando e saltando como

se estivessem possuídos. Monique ainda não se calara, continuando a falar sobre o tal amigo. Maria não conseguia vê-la, mas a voz da rapariga ouvia-se cada vez mais afastada dela. Estava a dizer qualquer coisa sobre o facto de o rapaz ter sido mordido por um cão, numa perna, e de ter levado duas injeções no braço e outras cinco à volta da mordidela, todas no mesmo dia. E jurava que ainda lhe tinham dado mais quatro nas semanas seguintes. Maria ouviu alguém responder com uma frase que serviu para silenciar a australiana, mas não distinguiu quem tinha sido e fosse quem fosse já se encontrava demasiado longe para ela perceber as suas palavras. Parecia-lhe que os outros também continuavam a falar, mas ela ouvia-os cada vez mais distantes. «Para onde é que estão a ir? Vão deixar-me outra vez aqui sozinha?!», pensou, desorientada.

Sentia-se confusa. O tempo tornou-se subitamente encoberto e o ambiente à sua volta pareceu-lhe estranho, de um tom amarelado. Até que deixou de ouvir Monique, os macacos, os mosquitos e os amigos e passou a escutar apenas um zumbido forte, cujo volume aumentava cada vez mais nos seus ouvidos.

De um momento para o outro, a visão tornou-se-lhe turva. Viu as árvores a caírem à sua volta, como se alguém tivesse acabado de as cortar todas ao mesmo tempo, e teve a sensação de que a cabeça lhe pesava nos ombros e as pernas lhe fugiam, deixando de suportar o corpo.

– Maria! – exclamou Francisco, correndo para ela, mas sem chegar a tempo de a suster nos braços.

Maria entreabriu os olhos devagar, porque a luz fluorescente no teto era demasiado intensa. Estava deitada numa cama, no que aparentava ser uma enfermaria. Havia uma grande janela à sua direita, mas as cortinas encontravam-se corridas, por isso não percebeu se ainda era de dia. Sentiu uma forte dor de cabeça que a impediu de levantar-se e que aumentou ao virar o pescoço para a poltrona à sua esquerda. Estava sozinha e não fazia ideia por que razão se encontrava ali. Tentou falar, mas a voz não saiu. Fechou os olhos, por momentos, esperando que se tratasse apenas de um sonho, mas já não foi capaz de os voltar a abrir.

\* \* \*

– Agulhas?! – perguntou Monique.

– Sim! Agulhas! – repetiu Maria, massajando a cabeça dorida.

– Eu sabia lá! – protestou a primeira. – Tinham-me falado nas aranhas e nas baratas, mas ninguém disse nada sobre agulhas!

– Ninguém sabia... – justificou Francisco, baixinho, sentado no cadeirão ao lado de Maria.

Aquilo não era exatamente verdade. Ana tinha a vaga ideia de que a irmã não gostava de agulhas quando era pequenina. Recordava-se até de a ter visto fugir de uma enfermeira que a perseguia pelo corredor de uma clínica para lhe dar uma vacina, mas aqueles não eram objetos com os quais tivessem de lidar com frequência, por isso o assunto não vinha à baila há muito tempo e ela até se tinha esquecido dele. Agora que pensava nisso, toda a família tivera de tomar vacinas antes da viagem

a Bali, mas tinham-no feito em dias diferentes e Maria tinha ido sozinha com a mãe. Além disso, as fobias da irmã tinham-se resumido sempre a aranhas, embora recentemente, em Marrocos<sup>2</sup>, tivesse descoberto que também odiava baratas.

Ana abriu as cortinas para fazer entrar luz natural no quarto. Compreendia que a irmã não estivesse interessada em informá-los a todos de um outro medo a juntar à lista. Sobre tudo à frente de Francisco, o novo namorado. Fobias e medos não são temas de conversa muito agradáveis e é pouco habitual que quem os tenha se gabe deles.

O grupo encontrava-se na enfermaria do edifício de acolhimento, na Floresta dos Macacos de Ubud. Maria estava deitada numa cama e o guia e os amigos, à exceção de Francisco, encontravam-se de pé, à sua volta.

- Podias ter avisado, não achas? – barafustou Monique, insistente.

- Sim, claro, a culpa foi minha – ripostou ela, sarcástica.  
- Quando nos conhecemos, devia ter dito «olá, eu sou a Maria e tenho medo de aranhas, baratas e *agulhas*»!

Monique respondeu com um risinho de troça.

- A sério, qual era a necessidade de trazer a história das injeções à baila naquele momento *crítico*? – insistiu Maria.

- Por ser um momento crítico é que me lembrei de te dar um exemplo real – justificou-se a australiana. – Mas é claro, se soubesse que ias *desmaiar*, nem tinha falado nisso.

<sup>2</sup> Ver *A Lenda do Livro dos Segredos*, no qual Os Primos partem em busca de antigos manuscritos, cujo autor diz ter recebido de um génio um misterioso poder mágico, revelando-lhes segredos inexplicáveis do passado e do futuro, sobre alterações climáticas e pandemias, camuflando pistas e fazendo-os participar nas suas próprias aventuras. (N. da A.)

Maria observou-a com uma expressão desagradada. Conhecia Monique apenas há três dias, mas já sabia o bastante sobre ela para ter a certeza de que a australiana teria feito exatamente o mesmo se soubesse do seu medo de agulhas.

Além disso, quem é que gostava de agulhas? Felizmente só era obrigada a pensar nelas quando tinha de tomar alguma vacina, e até o tinha feito pouco antes da viagem, após a consulta de medicina do viajante, para prevenir a hepatite A e a febre tifoide que existiam na ilha, mas a ideia de alguém espetar um objeto afiado na carne, tanto na dela como na de outra pessoa, era terrificante. Provavelmente, o medo que tinha das aranhas e das baratas até estava relacionado com isso. Afinal de contas, o que mais a assustava era imaginar que os bichos pudessem morder-lhe, espetando-a com alguma parte aguçada dos seus corpos horripilantes.

Não havia nada a fazer. Por mais que tentasse, não conseguia simpatizar com Monique. A australiana era irritante e narcisista. Falava demasiado e nos momentos mais inconvenientes, tentando colocar-se no centro de tudo o que acontecia, tanto de positivo como de negativo. O seu lema parecia ser: *bem ou mal, o melhor é pões as pessoas a falarem de ti*. Apesar da baixa estatura, tinha o ego de um gigante, um gosto semelhante ao seu em termos de moda, um rosto e um sorriso atraentes. Além disso, era inteligente e sabia avaliar rapidamente os outros, descobrindo o que fazer para os obrigar a darem-lhe atenção.

Maria apanhava-a muitas vezes em estranhas contradições e por isso não confiava nela. A rapariga dissera-lhe, por exemplo, que o pai não tinha chegado a embarcar com eles devido a um telefonema urgente de trabalho que o obrigara a mudar de planos à última hora. Porém, o irmão referira mais tarde



que este deveria ir ter com eles dias depois, como estava planejado desde o início. A dúvida ficara no ar, mas com o passar dos dias e com o surgir de novas incongruências, a versão de Arlo parecera-lhe a mais credível.

Maria suspirou e desviou o olhar na direção do rapaz. Tinha treze anos, menos dois do que Monique, e era uma joia de pessoa, sempre sorridente e amável. Tal como o primo André, tinha cabelo denso e arruivado e o rosto cheio de sardas, o que lhe dava um ar travesso, mas genuíno. Como era possível que aqueles dois tivessem saído da mesma barriga?

- Doí-te muito a cabeça? - perguntou Monique, apercebendo-se do súbito desinteresse da rapariga.

Maria encolheu os ombros. Voltou a massajar a região temporal da cabeça e sentiu um pequeno alto. Seria possível que mais uma vez voltava a ter um galo na cabeça quando se encontrava perto de Francisco? Já não tinha bastado a pancada que levava mesmo ao lado dele, ao cair da prancha de *surf*, na praia Grande do Guincho<sup>3</sup>?

Olhou para o namorado, sentado na poltrona a observá-la como se estivesse à espera de uma oportunidade para lhe contar algo. Foi então que viu o que ele segurava nas mãos.

- Os meus óculos?! - exclamou, surpreendida e contente.  
- Como é que...?

Francisco estendeu-lhos, sorrindo divertido.

Maria corou. Não se lembrava de nada do que tinha acontecido a seguir ao desmaio e sentia-se um pouco envergonhada das figuras que poderia ter feito até chegar à enfermaria.

<sup>3</sup> Ver *O Caso da Grande Mentira*, no início do qual Maria fica com um galo na cabeça ao cair da prancha, incidente que a leva a aproximar-se de Francisco. (N. da A.)

– Afinal o que é que se passou com os macacos? – perguntou, premindo os lábios e receando a resposta.

– Eles têm reações imprevistas, por isso não podemos provocá-los... – disse André, em pé, à sua direita.

– Mas eu não os provoquei... – defendeu-se ela.

– De propósito, não, mas quando te puseste a fixar o primeiro nos olhos, ele viu-te como uma ameaça – explicou o rapaz. – Foi por isso que se tornou agressivo e atraiu os outros com os guinchos dele.

– Os grupos de primatas têm uma estrutura social complexa – interveio Monique, com ares de importância. – Se alguém interfere, atacam os elementos mais fracos do grupo que os ameaça, que neste caso eras *tu*.

Maria revirou os olhos e soltou um suspiro de enfado. Que miúda mais irritante. Em primeiro lugar, ela podia não se lembrar do que tinha acontecido depois de ter desmaiado, mas no princípio só lá estava ela e o macaco, não havia grupos, ataques ou ameaças nem de um lado nem do outro. Em segundo lugar, se os macacos tivessem de decidir qual era o elemento mais fraco entre eles, iriam com certeza basear-se na estatura de cada um. Monique era de longe a mais baixa de todos, superando até Ana, a mais jovem, por isso tê-la-iam escolhido a ela. Enfim, mais valia não dar atenção aos seus comentários, feitos apenas para a provocar.

– Então os macacos atacaram-me? – perguntou, voltando-se para André.

O primo acenou negativamente com a cabeça.

– Não, mas estavam a tornar-se *estranhamente* muito agressivos – disse ele, marcando a ênfase.

– Eu não sabia que não podíamos olhar para eles nos olhos... – justificou-se Maria.

- Se tivesses lido a informação à entrada, como toda a gente, tinhas ficado a saber - criticou Monique, tentando provocá-la. - Os macacos são animais selvagens, não são animais de estimação.

Maria ignorou-a.

- Mas afinal, porque é que estou aqui? - inquiriu, fitando o primo.

- Estás sob observação para o médico ter a certeza de que não tens um traumatismo craniano - explicou ele.

- Estás a brincar, não estás?! - perguntou ela, incrédula.

- Mas como é que isso é possível?!

- Quando desmaiaeste, caíste e batestes com a cabeça... uhhh... no chão.

- No chão, não! - corrigiu Monique, muito depressa e com um sorrisinho trocista. - Numa batata doce...

Os outros deixaram escapar uma risada mal camuflada que fez Maria corar ainda mais. A jovem arqueou as sobrancelhas e abriu a boca com ar perplexo. Numa batata doce?! Que raio, se ia ter um traumatismo craniano, ao menos que fosse por ter batido com a cabeça numa rocha, ou num tronco de árvore! E o que é que estava uma batata doce ali a fazer?! Não era coisa que crescesse no meio da floresta.

- É o alimento que dão aos macacos de cauda longa bali-neses entre três a nove vezes por dia... - explicou Monique, apercebendo-se da sua dúvida. - Também estava escrito na informação à entrada...

«Pois... E tu sabes o que é que se esqueceram de escrever à entrada, Monique?» pensou Maria, premindo os lábios e imaginando-se a responder à rapariga. «*Proibida a entrada a idiotas. Assim tinhas ficado lá fora e nada disto tinha acontecido...*»

Porém, em vez de abrir a boca, respirou fundo, subtilmente, e fingiu que a australiana se encontrava longe dali, algures do outro lado do mundo.

- Eu ainda tentei, mas não consegui apanhar-te a tempo - disse Francisco, mudando de assunto.

- E depois, o que aconteceu? - perguntou ela, fazendo um esforço para se concentrar nos olhos verdes do rapaz.

Não era fácil. Monique, de pé ao lado dele, estava tão impaciente para responder que só lhe faltava pôr o dedo no ar.

- De repente, as coisas complicaram-se ainda mais - disse ele. - Parecia que estavam a chover macacos, vindos de todos os lados.

- Disso, lembro-me muito bem! - disse ela.

- *¡Parecia una película de terror!* - ajudou Patricia, com a sua pronúncia espanhola acentuada e os olhos pretos-azeitonas muito abertos. - *¡Eran inmensos e estaban furiosos!*

- Não sabíamos o que havíamos de fazer - explicou André - porque eles puseram-se a saltar à nossa volta e não nos deixavam ir embora.

- O que valeu foi o Arlo ter ido à procura de alguém que nos ajudasse - interveio Jose.

- Fartei-me de correr até conseguir encontrar um funcionário - contou Arlo. - Mas quando lhe expliquei o que se estava a passar, ele chamou logo os outros pela rádio.

- Vieram cinco - relatou André - e traziam fisgas!

- Fisgas?! - admirou-se Maria.

Encontrava-se deitada na cama de uma enfermaria sob observação por se recear que tivesse um traumatismo craniano por causa dos macacos, mas pensar que alguém tinha usado fisgas contra os animais não lhe agradava nada.

- As figas só servem para os ameaçar – explicou Francisco, lendo-lhe os pensamentos. – Para eles deixarem os turistas em paz.

- Então é costume eles atacarem os turistas? – perguntou Maria.

- Não, aliás eles disseram-nos que é muito raro isto acontecer – informou André.

- E só aconteceu, porque eu tive o azar de olhar de frente para o macaco?! – admirou-se a rapariga.

O primo encolheu os ombros.

- Ou será que foi por ele querer os meus óculos de sol?... A propósito, como é que conseguiram reavê-los?

- Um dos funcionários conseguiu trocá-los por comida que trazia com ele... – explicou André.

Maria lembrou-se da jaca que o macaco recusara e franziu o sobrolho, confusa.

- ... E tivemos sorte, porque ele disse-nos que se isto tivesse acontecido no templo de Uluwatu não teria sido tão fácil – especificou o primo. – Parece que ali é preciso negociar com os macacos...

- Negociar?! Negociar o quê? – quis saber Maria.

- Pacotes de batatas fritas, barras de chocolate... – explicou André. – Parece que os macacos se habituaram a fazer isso com os turistas e agora não querem outra coisa.

- Pois é! – disse Jose. – Roubam óculos, telemóveis, malas e até chinelas e só os devolvem em troca de comida que lhes interesse.

- E não aceitam bananas! – acrescentou Patricia, para dar mais ênfase à explicação do irmão.

- Incrível! Agora até os macacos trocam comida saudável por *junk food*... – lamentou-se Maria.

- No nosso caso, os funcionários deram-lhe coco e folha de papaia em troca dos teus óculos - garantiu Francisco.

Maria libertou uma lufada de ar dos pulmões e olhou pela janela.

- A mãe já sabe? - perguntou à irmã.

- Eu informei-a imediatamente - respondeu Kadek, pela rapariga. - Disse que queria falar consigo assim que acordasse.

Ana pegou no telemóvel da irmã e entregou-lho.

- Eu bem disse que não era boa ideia vir à Floresta dos Macacos... - desabafou Maria, pegando no telemóvel e colocando-o sobre a barriga.

- Eles disseram que foi um incidente raro, que talvez aconteça três ou quatro vezes por ano, no máximo - revelou Arlo.

- Mas admitiram que esta semana já houve três ataques a turistas, o que não é nada normal...

- O médico falou com os veterinários e eles acham que deve haver qualquer coisa estranha por trás deste comportamento anormal - contou André - mas ainda não conseguiram descobrir o quê...

- Mas afinal o que é que se está a passar nesta ilha?! - exclamou Maria. - Todos os dias há uma coisa nova!

Os jovens entreolharam-se, silenciosos. Tinham chegado apenas há quatro dias a Bali, um lugar que o mundo inteiro considerava um autêntico paraíso terrestre, mas todos eles podiam já reportar pelo menos um par de eventos estranhos ocorridos tanto a nível individual como de grupo. A começar pelo fecho do aeroporto e o conseqüente cancelamento de todos os voos, o que estava a impedir tanto o embaixador Torres como o pai de Arlo e Monique de se lhes juntarem. Tudo por se recear que o monte Agung, o vulcão mais próximo

e o ponto mais alto de Bali, pudesse entrar em erupção a qualquer momento. Eles próprios se encontravam entre os últimos grupos de turistas a chegar e, desde o dia seguinte, ninguém tinha podido entrar ou sair da ilha.

A princípio, a ideia assustara-os, tanto a eles como aos restantes visitantes, mas a verdade é que no dia a dia não havia sinais de perigo, tudo parecia normal. Sendo Bali um dos destinos turísticos mais visitados e ambicionados do mundo, e com tanto para explorar, tinham acabado por não pensar muito no assunto. Existe uma grande diferença entre sermos obrigados a permanecer num lugar desagradável ou esquecido do planeta e ficarmos momentaneamente retidos numa ilha paradisíaca, com acesso a tudo a que estamos habituados.

Todavia, começaram a ocorrer alguns acontecimentos estranhos e, se uns não passavam de curiosidades surpreendentes, outros eram tão inexplicáveis que se tornavam perturbadores.

André, por exemplo, notara o facto bizarro de acordar à mesma hora todas as noites, sem saber porquê. Não se ouviam barulhos curiosos nem se viam alertas no telemóvel que o pudessem ter acordado. Ao abrir os olhos, via que o despertador mostrava sempre as 2h02. Curiosamente, começava a sentir-se ansioso, mas por mais que se esforçasse, não conseguia compreender por que razão tal acontecia. Ao referi-lo ao pequeno-almoço, descobrira que também Arlo se queixava do mesmo, embora a hora e o estado de ânimo diferissem dos dele. Com efeito, o australiano acordava sempre à 1h01, mas em vez de se sentir angustiado, dava por si a sorrir, embora também não soubesse explicar porquê.

Às vezes tinham a impressão de que andava tudo louco. Quase todos eles tinham desistido de utilizar os elevadores que

conduziam ao restaurante panorâmico do hotel, pois estes nem sempre funcionavam. Porém, quando os hóspedes se queixavam na receção, os empregados apuravam invariavelmente que os ascensores estavam a trabalhar na perfeição e nem chegavam a chamar o técnico. O mesmo se passava com as televisões e o ar condicionado nos quartos e apartamentos.

Maria também não compreendia como era possível, numa ilha com tanta gente e tão repleta de turistas, reconhecer as mesmas pessoas a visitar as mesmas atrações no mesmo dia e à mesma hora que eles. Alguns até tinham vindo de Londres no mesmo avião, sentados nas filas perto dela, isto depois de os ter já visto a deambular algures pelo aeroporto. Não sabia se era apenas uma impressão sua, mas ia jurar que alguns tinham acabado com eles no mesmo hotel. Como era possível tanta coincidência?

Os jovens continuavam a pensar nestes e noutros exemplos de singularidades encontradas na ilha, quando Maria voltou a ouvir a melodia misteriosa que por vezes a incomodava a soar-lhe na mente. Colocou as mãos nos ouvidos, embora soubesse que de nada serviria.

– E porque é que esta música não me sai da cabeça? – deixou escapar em voz alta.

Arlo, Ana e André franziram o sobrolho.

Maria suspirou. Não podia sair-se com comentários daqueles, senão os amigos iriam preocupar-se e pensar que o traumatismo craniano era realmente grave.

– Essa música é assim... uhmm... tipo suspense? – perguntou Arlo, curioso.

– Sim... – respondeu ela, fitando-o com ansiedade. – Porque é que perguntas?

Arlo mordeu o lábio, pensativo.



- Não me digas que também a ouves? – insistiu ela.

- Não sei se é a mesma, mas há uma que ouço todos os dias desde que chegámos à ilha ... – confessou o rapaz.

Maria cantarolou algo em voz alta e Ana arregalou os olhos, como se tivesse acabado de ver um fantasma.

- *¿Es esa?* – perguntou o espanhol, hesitante.

Ana acenou afirmativamente, pasmada, mas os outros encolheram os ombros, abanando a cabeça.

- Não é essa – disse Arlo, desiludido.

- Mas é a mesma que eu ouço! – disse Ana. – Não me sai da cabeça durante todo o dia...

- Nem a mim, e não é só durante o dia, também acordo a pensar nela durante a noite! – admitiu Maria. – Mas ainda não percebi de onde é que ela vem... Acho que nunca a ouvi em lado nenhum.

Arlo e Monique acabaram ambos por confessar que também no caso deles existia uma música que não lhes saía da cabeça, embora não fosse aquela. Francisco e André, surpreendidos, relataram o mesmo.

Depois de uma curta sessão de cantorias, os jovens concluíram que Arlo, Monique, Patricia e Jose ouviam todos melodias diferentes. Ana e Maria ouviam a mesma. Francisco e André ouviam uma outra. O denominador comum era que todas os faziam pensar em *thrillers*.

Maria suspirou, um pouco aliviada. Pelo menos não era a única. A questão, porém, era estranha. Mais uma para juntar à lista de eventos sem explicação desde a chegada do grupo a Bali. Agora estava certa de que não se tratava apenas de uma impressão sua. Não havia dúvida de que algo de extraordinário se passava naquela ilha.